

Preferência pelos exóticos

Paixão não convencional, um novo olhar para os animais de estimação

POR
MARIA JÚLIA PRADO e
SANMARI MELO

Ter bichinhos de estimação é um hábito cultural no Brasil. Existem no País cerca de 139,3 milhões de animais de estimação; destes, a quantidade de gatos e cachorros ultrapassam 78,1 milhões, segundo dados o último censo realizado pelo Instituto Pet Brasil no ano de 2019. Entretanto, existem aqueles com gosto peculiares que escolhem animaizinhos diferentes como companhia diária, como roedores, pássaros e até répteis. Já pensou em ter uma iguana ou mesmo uma serpente? A adoção desses animais teve um aumento de 5,2% em relação ao ano de 2013.

Uma das protetoras do Abrigo São Francisco de Assis, Bruna Teixeira que esta em contato constante com



arquivo pessoal

Periquitos e calopsitas estão na lista de animais de estimação exóticos

animais em estado de abandono, fala que todo tipo de adoção requer responsabilidade e estruturação do ambiente, mas este tipo de adoção exige ainda mais de seus futuros criadores, pois cabe saber mais sobre o bicho e ter alguns cuidados adicionais em comparação a um gato ou cachorro.

Mas, que não é um problema esta escolha, é uma ajuda em alguns momentos, pois nem sempre os órgãos conseguem achar um destino saudável para os bichos resgatados, porém, o criador deve estar disposto. "Adoção nesse caso, só se realmente a pessoa tiver estrutura física e estrutura no ambiente para

receber um animal desse porte”, ressalta Bruna Teixeira.

Esta opinião é também compartilhada pela estudante de medicina veterinária Lyzandra Rodrigues. Para ela, os cuidados devem ser maiores, pois são animais diferentes em fisiologia, alimentação, tratamentos básicos e habitat, que precisam ser bem assistidos por profissionais que conhecem suas particularidades, o que pode gerar maiores gastos e uma maior adaptação da casa que ele residirá.

Hoje em dia não são tão comuns médicos veterinários que fazem esses atendimentos. “Vejo uma área promissora para daqui 5 anos, estamos vendo um crescimento de profissionais com interesse na área, antes não tínhamos especializações. Hoje em dia, as pessoas criam cobras, chinchilas, coelhos, e a procura por estes bichos vem crescendo, as pessoas estão se abrindo para mais possibilidades.”

Existem aqueles com gosto peculiares que escolhem animaizinhos diferentes como companhia diária, como roedores, pássaros e até répteis

O que dizem os especialistas

Os animais exóticos estão se tornando cada vez mais populares na hora de escolher um pet, entretanto essa escolha ‘peculiar’ é bem mais complicada do que simplesmente adotar um cãozinho. As principais preocupações de especialistas são a falta de cuidados específicos. Segundo uma pesquisa realizada em 2018, pelo Instituto de Proteção Animal Mundial, 26% dos donos sequer sabem que seus pets são animais silvestres, e o tráfico de animais silvestres é prática criminosa que movimenta cerca de 10 a 20 bilhões de dólares em todo o mundo, com uma fauna rica o Brasil tem cerca de 15% de participação desse valor.

A bióloga Renata Ultra reforça a importância de uma avaliação profunda que alguém deve fazer antes de adotar um animal exótico. “É preciso estudar a ideia, pensar muito e se fazer perguntas como: por que eu quero adotar essa espécie de animal? Eu tenho condições de cuidar desse animal? Eu conheço as necessidades dele? Eu tenho o ambiente que esse animal necessita? Será que vale a pena retirar esse animal de seu habitat natural?”

Sobre o tráfico de animais silvestres o professor e biólogo Jefferson de Oliveira expõe: “Estima-se que de 10 animais traficados apenas

um sobreviva”. O alto índice de mortalidade é resultado dos maus-tratos e das precariedades durante a captura e transporte das espécies. “Os animais se ferem ao fugir, sofrem com estresse emocional ou são descartados quando apresentam problemas na pele”, acrescenta o biólogo. O comércio legalizado não combate o tráfico de animais silvestres. Muito pelo contrário, o mercado legal incentiva uma prática cruel, aumenta a demanda por animais de estimação e coloca em risco as populações presentes na natureza. Legal ou ilegal, não compre.

arquivo pessoal



A bióloga Renata Ultra divide com a gente sua opinião sobre adoção de animais silvestres

/COMPORTAMENTO

A vivência com os animais

Márcio Goromaru, que tem atualmente 17 aves – sendo eles quatro periquitos australianos, quatro argaponis, duas calopsittas, seis manons e um periquito rico –, antes de ter seu primeiro casal, adotado em 2018, o artista plástico já trabalhava em parcerias com abrigos para resgates de aves perdidas e abandonadas na cidade de São Paulo. Dono também de um cachorro, ele conta que teve que adaptar a casa em algumas áreas por serem muitas aves.

Teve que dividir viveiro em que as aves ficam e criar um sistema de revezamento para alimentação de todos eles, para que não haja briga entre eles, principalmente entre os machos, logo, e a atenção dada demanda maior tempo. Apesar do trabalho que tem com eles, Márcio se sente recompensado, “Eles são muito carinhosos, cada um demonstra de uma forma, já alimentei um manon com o uso de seringas e hoje, depois de mais velho, ele tenta me alimentar. Eles retribuem estes carinhos e cuidado da forma deles”.

Os roedores têm muitos fãs. Coelhos, camundongos, porquinhos da índia. A autônoma Thais Souza, há 4 anos se apaixonou por chinchilas e adotou seu primeiro casal, depois disso chegou



Roedores – coelhos, camundongos, porquinhos da índia – têm muitos fãs



Biólogo Jefferson de Oliveira alerta sobre perigo do tráfico animais silvestres

a ter outros da mesma espécie e hoje está com três roedores. Residente em Salvador, na Bahia, teve que adaptar a casa para dar comodidade para seus animais. As chinchilas são muito sensíveis ao calor e não gostam do vento, logo, a casa tem que ser climatizada para eles.

A autônoma conta que é difícil achar veterinários que conheçam bem esses roedores e que busca informações em grupos montados entre criadores nas redes

sociais. Ela fala que é muito apaixonada por seus bichinhos. “As chinchilas costumam demonstrar afeto, apesar de não ficarem sempre por perto por não gostarem do calor. Então, eu aproveito para fazer carinho quando vou dar petiscos e paro sempre que elas demonstram irritação.”

Gabriel Paranista sempre gostou de animais em geral e já tinha um cachorro quando uma coelhinha, por meio de um grupo de adoção responsável nas redes sociais. Com experiência em roedores, por já ter tido outras espécies, o estudante, que gosta de criar a sua pequena Sofia livre, precisa limitar seu espaço. “Eu tenho um cuidado maior com ela aqui em casa, pois é uma coelha grande e não pode ficar fechada sempre por ficar com estresse, mas se ficar solta pode roer tudo e acabar se machucando”.

Os coelhos têm hábitos diferentes, com os horários, a alimentação, a higiene, e demanda maior dedicação. Todo esse cuidado para com ela, é retribuído com demonstrações de carinho e amor. Sofia está sempre perto de seu criador, assim como o cachorrinho, com quem ela divide seu espaço.